

Os órfãos de Portugal

Orphans of Portugal

EDGARD TESSUTO JUNIOR *

O bra esclarecedora que adverte para a situação da Língua Portuguesa nos territórios lusófonos da Índia, *Os Órfãos de Portugal*, do Prof. Eduardo de Almeida Navarro, identifica, ademais, quem são os restritos falantes da Língua Portuguesa hoje nesse país oriental de multiculturas, decorrentes do seu importante papel socioeconômico mundial.

Para entendermos um pouco mais a condição sob a qual vivem seus habitantes e como se fala a Língua Portuguesa ali, Eduardo Navarro promove entrevistas, nas quais moradores de Goa, Damão e Diu (antigos territórios da Índia Portuguesa) encetam verdadeiros depoimentos pessoais em que se confundem as histórias de suas próprias vidas com as da Língua Portuguesa lá falada até hoje. Nelas percebe-se que essas províncias – ricas e extremamente importantes para o desenvolvimento do comércio ultramarino de expansão territorial lusitana em tempos não tão antanhos – constituem, atualmente, apenas remotos lugares em que a Língua Portuguesa ainda permanece sendo utilizada, ora por falantes oriundos de famílias tradicionais, que se apropriaram dela em momentos prístinos da colonização (por causa da representação política e social que desempenhava nas elites desses territórios), ora por outros que, por questões pragmáticas de facilitação do acesso de descendentes

* Faculdade Getúlio Vargas.

lusó-indianos à União Europeia (os quais conseguem ter facilitada a retirada de seu passaporte português a fim de, estando na comunidade europeia, irem à Inglaterra para desenvolver mais apurado estudo do inglês, uma das muitas línguas oficiais Índia), aprendem nossa Língua para melhorarem a condição de suas próprias vidas e a de suas famílias goesas, damanenses ou diuenses. O português ali, hoje, assim, ou se tornou um mecanismo dos jovens para promover sua ascensão social, ou permanece sendo uma língua falada apenas pelos mais velhos, herança de um passado não tão remoto em que era considerada língua oficial desses lugares (até 1961).

Os Órfãos de Portugal se compõem de duas grandes partes: uma primeira, espécie de prólogo para contextualizar histórica e geograficamente o conjunto das entrevistas que vêm a seguir; e uma segunda, a das entrevistas propriamente ditas, na qual, inclusive, encontramos as mais curiosas histórias – como a que a Sr. Maria das Graças Lopes e Rocha, em Damão, revela ao professor Eduardo que o poeta português Manuel Maria du Bocage, estando ali em exílio, zombava das autoridades locais, perpetuando-se na história como uma pessoa zombeteira: até hoje recebe o apelido de *Bocage* aquele que faz escárnio dos outros. Com propriedade, o professor Eduardo nos apresenta, nesse prólogo, a situação em que se encontram essas três províncias anexadas ao Estado Indiano e a de seus habitantes hoje, questionando algumas possibilidades de desfechos diversos daqueles que se deram para os territórios lusófonos na Índia – perguntando a nós leitores se a identidade não indiana desses territórios e de seus habitantes justificaria a manutenção da situação de colônia ainda hoje, ou se Goa poderia ter se tornado um país independente, como o fizeram Brasil e Moçambique, por exemplo, após a independência obtida de Portugal. Conquanto seja sucinto, o prólogo revela-se valiosíssimo, porque se baseia no que podemos chamar um verdadeiro tratado de historiografia e de cultura da colonização oriental portuguesa, indo desde as viagens às Índias Orientais, realizadas por Vasco da Gama e Cabral, até a chegada portuguesa a Goa, em 1510, realizada por Afonso de Albuquerque. Daí até à independência da Índia, em 1947, a ponto de chegar à tomada desses territórios pelo exército da União Indiana (1961), ele traça um quadro histórico que ambienta o leitor a se inserir nele e a entender o andamento do processo de que faz parte a Língua Portuguesa em território indiano.

Para entender esse processo um pouco melhor, o professor Eduardo assinala, então, que as circunstâncias sob as quais esses territórios, hoje indianos, foram destituídos de Portugal poderiam, inclusive, justificar o porquê de o Português ter, atualmente, seu futuro ameaçado naquela região. Alega, por exemplo, que, houvesse uma percepção da mudança das condições coloniais do mundo por parte de Salazar, como as entenderam França e Inglaterra, com seus territórios indianos, talvez a Língua Portuguesa teria condição de perpetuar, hoje, sob a forma de acordos diplomáticos. Diz o professor Navarro, ainda, ter sido isto o que se deu com as relações entre Índia e França e seus antigos territórios (como Pondicherry), e que a maneira do desfecho das antigas colônias portuguesas de Damão, Diu e Goa fez com que se impusesse a completa varrição deste idioma dos territórios recém-libertos como motivação política e de asseguramento da Libertação (levante indiano que anexou esses territórios à União). Muito embora houvesse outros motivos evidentes para a destituição do estado português nesses territórios, como os insurgentes cristãos lusófonos – para os quais a saída dos portugueses poderia permitir-lhes a ocupação de posições representativas na política e na economia de Goa –, ou a pouca disponibilidade de recursos de que dispunha Portugal para investir em seus territórios coloniais, em vista de ter fechado os olhos para o desenvolvimento e voltado as costas ao séc.XX (*apud* Maxwell), a Língua Portuguesa poderia permanecer com maior representação política se Salazar não tivesse deixado de observar que sua intransigência frente à opinião de manter suas colônias naquele subcontinente aumentaria ainda mais o ressentimento da imensa massa hindu para a qual o domínio português havia avassalado sua cultura e que, como revolta, tomaria como primeira medida de emancipação portuguesa a extinção da língua colonial como matéria disciplinar obrigatória no ensino básico, atirando a qualquer sorte seu destino e utilização futura.

Como que fechado hermeticamente, a obra traz, logo após o prólogo, uma série de entrevistas que confirmam todo o resumo prévio e teórico – de autoria do próprio professor Eduardo –, apresentado no início do livro. A série de entrevistas se divide em três partes, respeitando a cronologia na qual foram feitas: são apresentadas primeiro as de Goa, depois as de Damão (ambas realizadas em sua primeira viagem à Índia, em 2005) e, por fim, as duas únicas de Diu (já no ano de 2008, em sua penúltima viagem à região). Nelas, encon-

tramos desde as mais lúdicas histórias, como as entrevistas concedidas pela Dona Maria do Carmo Fernandes e pela Dona Maria da Conceição Ramos Guedes, ambas em Damão, nas quais se apresentam desde o típico folclore damanense, até os mais ressentidos e lastimosos depoimentos, como o do Sr. Narciso do Rosário, ex-militar, também em Damão, na qual ele diz chorar, todos os dias, os tempos portugueses que ficaram para trás.

Na primeira entrevista do livro, concedida pelo padre Eufemiano Miranda, em Goa, a transcrição feita pelo nosso autor revela um pouco da importância histórica que a Língua teve e que, doravante, pode correr o risco de sucumbir à mercê de seu interesse meramente diplomático (o acesso à comunidade europeia fica facilitado pelo passaporte português, e este só se consegue se se fala o Português). De forma instigante e perspicaz este questiona àquele a respeito das circunstâncias pelas quais o padre, brâmane, adquiriu e utiliza ainda hoje a Língua Portuguesa e qual a relação que a Língua Portuguesa teve na época da colonização portuguesa em um sistema de castas.

O professor Eduardo Navarro parece ter tido intenções prescritas para organizar a ordem das entrevistas apresentadas. E, com sucesso, parece tê-lo feito, já que a relação contrapositiva que há entre a primeira e a segunda entrevista, no que diz respeito à religião dos entrevistados – o hinduísmo do primeiro e o islamismo do segundo –, parece desvelar-se também no ponto de vista em relação à dominação portuguesa do segundo em contraste com a visão a esse respeito do terceiro entrevistado. Propositadamente, assim, o nosso autor começa questionando o segundo entrevistado, pedindo-lhe que exponha se há ou não castas no islamismo, como há no hinduísmo do padre Eufemiano Miranda, seu primeiro entrevistado.

Essa segunda entrevista – embora bem menor do que a com o padre – é bem contundente em deixar claro, primeiro, que a relação entre muçulmanos e católicos há muito não é conflitante e, segundo, que o sistema de leis que impera em Goa, hoje, é o indiano, muito baseado no sistema inglês.

Já se comparada a entrevista com o Sr. Moussa Aga (de que falamos há pouco) e a posterior, com o jovem Clifton Murwin Afonso, percebe-se que podem ter sido colocadas sequencialmente de forma intencional pelo nosso autor pelo fato de creditar ao leitor curioso dois pontos de vistas antagônicos acerca da atual situação de Goa. O primeiro entrevistado, com 61 anos, diz claramente que “sente saudade dos tempos do domínio português”; ao passo que o segun-

do, jovem e com apenas 20 anos, diz ser indiano, pensar e sonhar apenas em inglês, ter orgulho de ser cidadão da Índia e ter aprendido Português porque sabe que a Língua ainda está muito relacionada às elites goesas e que ela pode ser utilizada como instrumento para estreitar suas relações profissionais no futuro.

A quarta entrevista, com o historiador Percival Noronha, parece vir na sequência para fechar o enlace a que se propõe o encadeamento de vozes feito pelo nosso autor. O entrevistado é questionado a discorrer a respeito de como se sente sob o domínio indiano. Por conseguinte, diz ele ter sido a perda de Goa para Portugal muito menor que foi a de Portugal para Goa: sem sistema político que funcione, com corrupção intensa, sanitização questionável e com uma língua oficial que parece ser “a língua dos cavalos” (de tanto ouvir o sotaque extremamente formal do inglês através das recorrentes palavras *not* e *out*), o goês perdeu a sua identidade pessoal. Em tom lastimoso, reitera o que disse o Sr. Moussa Aga sobre Goa “ser melhor no tempo dos portugueses” e ratifica ser a alma indiana, como a do jovem Clifton, pertencente à massa pública, muito interesseira, concluindo que o inglês é o “sinal para entrar nesse grande mar alto da globalização”, pela qual passa atualmente Portugal e também modificou o *modus vivendi* de Goa.

A entrevista seguinte dirige ofensiva revolta contra o domínio português e o modo de pensar pelo colonizador imposto ao goês. O Sr. Domingos Monteiro, de 63 anos, não hesita em destacar que a anexação do Estado de Goa à Índia foi boa, sim, em razão de haver universidades nunca antes presentes sob o domínio português. Outrossim, revela que os lusos são mal-vistos pelos goeses, que destacam sempre o lado vil do colonizador. Por fim, destaca que o sistema de castas é o maior responsável pela pobreza da Índia.

Procurando abranger a maior gama de identidades diversas possíveis, a entrevista n.º 6 é com um dos membros conhecidos como *intocáveis*, excluído do sistema de casta social: um *pária*. Através de sua entrevista, o professor Eduardo buscou não só esclarecer um mundo desconhecido por nós, brasileiros, como também uma visão de mundo diferenciada dentro de um mundo em que o hinduísmo prevalece. Não sendo politeísta e um rejeitado social ele diz envergonhar-se de ser indiano. Essa entrevista é muito intrigante, porque desvenda desconhecidos costumes da sociedade oriental indiana. O encaminhamento tomado pelo nosso autor faz com que se nos revelem as respectivas castas existentes na Índia, em grau de hierarquia: *Brâmane*, *Ksaria*, *Vaysya*

e *Sudra*. Além disso, ao professor Eduardo o Sr. Sadananda Naike disse que não só a sombra do intocável deve ser evitada por um brâmane, como este, ao passar por aquele, costumava, inclusive, tomar banho! E fecha seu depoimento contando ao professor outra curiosidade: o *costume de sati* (quando a esposa, que acompanha o cadáver do marido, é lançada à força no fogo que crema o marido morto) continua a ocorrer não mais em Goa, mas em Rajasthan.

Já no conjunto de entrevistas realizadas pelo professor Eduardo em Damão, deparamo-nos, logo de início, com a transcrição de uma entrevista em que beira o tom de lamentação no que diz respeito à luta encetada para a permanência da Língua Portuguesa nessa província. Em tom bastante lastimoso, o Sr. Víctor Fernandes, um ideólogo da preservação de nossa Língua naquele território, assume ser improvável que ela continue a ser executada pelos mais jovens, apesar de seus empreitosos esforços exclusivamente particulares e de toda sorte de recurso (muitas vezes os mais criativos e inéditos, chegando a serem até mesmo irônicos) de que pôde dispor para fazer isso. Disse, ainda, não ter assistência de nenhuma entidade representativa de classe ou do Estado Português para ajudá-lo nesta empresa. Curiosamente, nosso autor incita em seu entrevistado uma retrospectiva dos fatos que sucederam em Damão no ato da anexação do território à União Indiana, visto que fora lá o único reduto de resistência à invasão indiana. Também desvela ao professor o seu sentimento luso-indiano e a falta de identificação com a Índia atual, na qual impera a corrupção e a falta de higiene – já comprovadas pelo professor Eduardo nas entrevistas feitas em Goa –, além da versatilidade que teve de apresentar ao aprender outras Línguas após a anexação de Damão a um país que apresenta mais de quinze línguas oficiais.

Nas demais entrevistas, que encerram o conjunto de entrevistados de Damão, revela-se, ainda, a forte influência da cultura portuguesa na comunidade luso-indiana. Vê-se a tradição dos fados, dos mandós, a riqueza dos doces e pães portugueses, além do saudosismo do Sr. Narciso do Rosário, aquele que chora todos os dias a destituição dos domínios portugueses e que espera a volta de Dom Sebastião.

As duas únicas entrevistas feitas em Diu, com Da. Zélia e o Sr. Sérvulo dos Remédios, diferentemente das demais realizadas em Goa e em Damão, em 2005, aconteceram em 2008, em nova viagem do professor Eduardo. O que há de particular nelas, além da revelação de que Diu é verdadeiramente longe

dos dois outros territórios – trata-se de “uma ilha pertencente ao estado de Guzerat a muitas centenas de quilômetros de Goa e de Damão” –, é o direcionamento inédito das entrevistas, em que o professor Eduardo levanta a discussão a respeito do matrimônio, do divórcio, da homossexualidade, frente aos valores cristãos – herança dos portugueses –, inclusive, a castidade dos nubentes até no momento do casamento.

Em suma, a obra apresenta um conteúdo do qual não se pode preterir de maneira alguma e que se revela fonte inédita de saberes e valores, que fazem com que todo um povo, resistente à anexação dos territórios de Goa, Damão e Diu à Índia, ainda hoje, revele um verdadeiro sentimento de orfandade pela cultura e pela Língua Portuguesa. Pessoas que ainda sentem que podem voltar a ser portugueses, e que esperam que o Ocidente não as deixe à mercê das decisões do governo indiano, do qual não se sentem herdeiras nem cidadãs.